

ELABORAÇÃO TEXTUAL E SINONÍMIA

Maria Antónia Coutinho
FCSH – UNL

Apesar das divergências que se podem apontar, na relação entre *texto* e *discurso* ou entre concepções de *texto* (da mais estritamente linguística à de texto-em-situação), são já clássicos os trabalhos, na área da linguística textual, que nos facultaram a descrição do texto. Coesão e coerência aparecem aí, com destaque, entre outras propriedades textuais, isto é, propriedades dos objectos produzidos e reconhecidos como textos – e encarados, ou predominantemente encarados, como 'produto': objectos linguísticos, autonomizados relativamente às circunstâncias de produção e passíveis de serem descritos exclusivamente em termos da organização do material linguístico.

Será possível sustentar, no entanto, que o texto se constitui como 'processo': processo de relação entre um sujeito e um objecto (um tema, um problema, um texto outro) ou, em última análise, processo de conhecimento. Mesmo sem entrar em questões de ordem cognitiva – que não viriam nada a despropósito – a questão que interessa colocar é a de saber como é que se passa, ou o que é que passa, dessa dimensão relacional para a superfície textual¹. Interessará entretanto esclarecer o que entendo aqui por 'sujeito' e 'objecto'.

Se o apagamento do sujeito tem uma fortíssima tradição em linguística, tanto estrutural como generativo-transformacional, também é verdade que, pelo menos desde Benveniste, sabemos distinguir a *língua*, enquanto possibilidade, e a apropriação que dela faz um sujeito.

Não será demais sublinhar como, para Benveniste, este sujeito, que se constitui como tal precisamente através do "exercício da língua",

é sujeito de consciência (na tradição cartesiana-husserliana)². Sujeito pensante – que hoje, ao libertarmos-nos do "erro de Descartes", aceitamos finalmente, também, como ser de emoções.

Poder-se-ia então falar de 'sujeito linguístico' – no sentido da indissociabilidade do sujeito que pensa – pensa e sente – e do sujeito que diz (o que não implica uma total equivalência entre o que é pensado e o que é dito)³. Mas talvez isso não seja necessário. Talvez se possa simplesmente falar de sujeito de conhecimento – na medida em que é conhecimento que se processa (se formula, se comunica) através daquela indissociabilidade. E na condição de ter presente uma concepção lata de conhecimento que, não se limitando às exigências do conhecimento científico nem mesmo às características dos saberes estáveis e reutilizáveis, aceite as construções de sentido, ou representações, que se constituem como conhecimentos locais e transitórios.⁴

Duas ordens de questões se vêm, entretanto, colocar: por um lado, a que diz respeito aos pontos de contacto e/ou divergência entre o sujeito de conhecimento e o enunciador (ou enunciador-origem), enquanto parâmetro formal; por outro, a que diz respeito às relações, inevitáveis num processo de conhecimento, entre sujeito e objecto (aquilo que, para um sujeito, se constitui como objecto de conhecimento).

Uma e outra contribuem certamente para a elaboração de conhecimento que um texto (cada texto) proporciona – ou para a elaboração do texto através da qual um conhecimento toma forma. E o que fica aqui em causa não são duas possibilidades em alternativa (elaboração de conhecimento / elaboração de texto) mas sim a actividade do sujeito que elabora aquilo que, não podendo deixar de ser duplo, pode ser dissociado em função de uma perspectiva de análise dominante: é assim que falamos da dimensão textual do conhecimento ou da dimensão cognitiva do texto.

Não seria possível, no espaço destas páginas, a análise exaustiva de um tópico tão abrangente como a elaboração textual – entendida como acabámos de ver. Encarar um fenómeno linguístico como o sinonímico numa perspectiva de elaboração textual constitui, no entanto, hipótese de trabalho suficientemente interessante, tanto mais quanto o texto escolhido – um texto de Fernando Pessoa / Bernardo Soares, do *Livro do Desassossego*, transcrito em anexo – se apresenta como um caso exemplar para o tratamento da problemática em causa.

O primeiro caso em análise ocorre no segundo parágrafo e consiste – digamo-lo assim, para começar – num mecanismo de substituição sinonímica (substituição de *principios* por *fundamentos*). Uma das primeiras questões a colocar é a de saber até que ponto é que essa substituição se impõe, ou não. Permitamo-nos confrontar a sequência original e duas sequências alternativas:

Seq ^a original	(...), descubro que o meu systema de estylo assenta em dois principios, e immediatamente, (...), erijo esses dois principios em fundamentos geraes de todo estylo:(...)
Seq ^a A	(...), descubro que o meu systema de estylo assenta em dois principios, e imediatamente, (...), crijo esses dois principios em principios geraes de todo estylo:(...)
Seq ^a B	(...), descubro que o meu systema de estylo assenta em dois fundamentos, e imediatamente, (...), erijo esses dois fundamentos em principios geraes de todo estylo:(...)

Não chega – embora provavelmente não seja falso – dizer que a sequência A não é feliz⁵ porque repete *principios* praticamente sem intervalo (ou porque, num curto espaço, repete três vezes *principios*). Por sua vez a sequência B, limitando-se, por assim dizer, a inverter as posições de ocorrência de *principios* e *fundamentos*, não é mais conseguida do que a A. Provando-se, assim, que não se trata de um problema de repetição, constata-se também algo ainda mais significativo: que as posições de ocorrência das unidades lexicais não são aleatórias. Com efeito, a ocorrência de *fundamentos* está, na sequência original, associada à ocorrência de *erijo*, através da qual se estabelece, como factor determinante, a actuação do sujeito. Vejamos como.

É verdade que desde o princípio do texto e pelo menos nos três primeiros parágrafos se encontram marcas de sujeito. No entanto, se se observarem, em particular, as formas verbais que introduzem aqueles mesmos parágrafos, poder-se-á verificar que diferem da forma verbal *erijo*:

- as primeiras atestam o sujeito enunciador que se enuncia como sujeito de reflexão: para além dos morfemas de primeira pessoa, através dos quais se pode dizer que o sujeito se expõe, a própria ocorrência das unidades lexicais (*meditar*, *analisar*, *supor*) assinala, enquanto inscrição (da escolha) do sujeito, a atitude reflexiva que caracteriza esse mesmo sujeito – ou que ele de si próprio quer mostrar;

Que o sujeito possa dizer **outra coisa que é a mesma coisa**, tem afinal a ver com a necessidade de ocorrência das duas unidades lexicais (*principios* e *fundamentos*), susceptíveis de funcionarem sinonimicamente – isto é, na tensão entre o mesmo e o diferente. Esse funcionamento parece aqui otimizado pela rede de relações lexicais que, envolvendo questões de organização espacial, reforça a actividade que o sujeito exerce sobre o objecto. Assim, e numa abordagem que nada tem de exaustivo, poder-se-á notar:

- que *assentar em* implica uma relação orientada de cima para baixo, ao passo que *erigir em* implica uma relação orientada de baixo para cima;

- que *principios* e *fundamentos* remetem para um mesmo plano da organização do espaço, plano esse que é o da base;

- que a ocorrência de *erigir*, numa construção tão específica como *erigir...principios ...em fundamentos...*, desnivela as duas unidades, elevando *fundamentos* para um plano mais alto do que *principios*;

- que essa desnivelação, estabelecendo a assimetria entre as duas unidades, garante, para cada uma, a oportunidade da sua ocorrência, em articulação com a assimetria dos constituintes nominais a que se ligam:

principios (+ baixo) liga-se a *o meu systema de estylo* (particular)

fundamentos (+ alto) liga-se a *todo estylo* (geral)

Sendo assim, a sinonímia não aparece tanto como um dado prévio, mas como uma elaboração que, tendo a ver com a actividade que o sujeito exerce sobre o objecto, redundando em elaboração simultaneamente lexical e textual.

O segundo caso de sinonímia ocorre no terceiro parágrafo – que se pode dizer globalmente orientado no sentido de argumentar a favor do que ficou enunciado como (erigido em) um dos "fundamentos geraes de todo estylo" (a saber, "comprender que a grammatica é um instrumento, e não uma lei."). Para esse efeito convergem duas estratégias complementares: por um lado, o recurso a hipotéticos enunciados de sujeitos virtuais (incluindo o sujeito presente, deslocado para a situação suposta); por outro, o comentário crítico sobre os discursos produzidos (supostamente produzidos por diferentes sujeitos), através do qual se evidencia o ponto de vista dominante (ou pretendido), que coincide, naturalmente, com o ponto de vista do sujeito presente.

É no quadro deste comentário crítico que se coloca a questão da sinonímia, introduzida por aquilo que poderá ser tomado como um enunciado de tipo definitório: "já mais proximo da consciencia de que *fallar é dizer*". Confrontado no entanto com o enunciado que encerra o parágrafo ("Não terei fallado: terei dicto"), o enunciado definitório pede retroactivamente uma interpretação diferente, parafraseável como: [falar não é só falar, é também dizer] ou [falar é mais do que falar, é dizer]. As unidades lexicais em causa ficam assim sujeitas a uma relação que quase se poderia dizer mais próxima da antonímia do que da sinonímia: *falar* opõe-se a *dizer* na medida em que o primeiro fica limitado ao sentido estrito de "articular, pronunciar" enquanto o segundo se vê equiparado à superior função de "expressir".

Poder-se-á dizer que a tensão entre o mesmo e o diferente, apontada a propósito do exemplo anterior, aparece neste caso polarizada a favor do diferente. Mas o sujeito revela ainda um sentido lato de *falar* que, passando pela explicitação (falar "em absoluto, photographicamente, fora da chateza, da norma, e da quotidianidade"), resulta afinal em sinónimo de *dizer*. Reencontramos assim a ponderação entre o mesmo e o diferente, admitida como fundamento da própria sinonímia. E reencontramos essa mesma ponderação sinonímica como elaboração simultâneamente lexical e textual.

ANEXO

Meditei hoje, num intervallo de sentir, na fôrma de prosa de que uso. Em verdade, como escrevo? Tive, como muitos teem tido, a vontade perversa de querer ter um systema e uma norma. É certo que escrevi antes da norma e do systema; nisso, porém, não sou differente dos outros.

Analysando-me á tarde, descubro que o meu systema de estylo assenta em dois principios, e immediatamente, e á boa maneira dos bons classicos, erijo esses dois principios em fundamentos geraes de todo estylo: dizer o que se sente exactamente como se sente – claramente, se é claro; obscuramente, se é obscuro; confusamente, se é confuso -; comprehender que a grammatica é um instrumento, e não uma lei.

Supponhamos que vejo deante de nós uma rapariga de modos masculinos. Um ente humano vulgar dirá d'ella, "Aquella rapariga parece um rapaz". Um outro ente humano vulgar, já mais proximo da consciencia de que fallar é dizer, dirá d'ella, "Aquella rapariga é um rapaz". Outro ainda,

igualmente consciente dos deveres da expressão, mas mais animado do affecto pela concisão, que é a luxúria do pensamento, dirá della, "Aquelle rapaz". Eu direi, "Aquella rapaz", violando a mais elementar das regras da grammatica, que manda que haja concordancia de genero, como de número, entre a voz substantiva e a adjectiva. E terei dito bem; terei fallado em absoluto, photographicamente, fora da chateza, da norma, e da quotidianidade. Não terei fallado: terei dicto.

A grammatica, definindo o uso, faz divisões legitimas e falsas. Divide, por exemplo, os verbos em transitivos e intransitivos; porém o homem de saber dizer tem muitas vezes que converter um verbo transitivo em intransitivo para photographar o que sente, e não para, como o commum dos animaes homens, o ver ás escuras. Se quizer dizer que existo, direi "Sou". Se quizer dizer que existo como alma separada, direi "Sou eu". Mas se quizer dizer que existo como entidade que a si mesma se dirige e forma, que exerce junto de si mesma a função divina de se crear, como hei de empregar o verbo "ser" senão convertendo-o subitamente em transitivo? E então, triumphalmente, anti-grammaticalmente supremo, direi, "Sou-me". Terei dito uma philosophia em duas palavras pequenas. Que preferivel não é isto a não dizer nada em quarenta phrases? / Que mais se pode exigir da philosophia e da dicção?!

Obedeça á grammatica quem não sabe pensar o que sente. Sirva-se d'ella quem sabe mandar nas suas expressões. Conta-se de Sigismundo, Rei de Roma, que, tendo, num discurso publico, commetido um erro de grammatica, respondeu a quem d'elle lhe falou, "Sou Rei de Roma, e acima da grammatica". E a historia narra que ficou sendo conhecido nella como Sigismundo "super-grammaticam". Maravilhoso symbolo! Cada homem que sabe dizer o que diz é, em seu modo, Rei de Roma. O titulo não é mau, e a alma é ser-se.

Fernando Pessoa / Bernardo Soares in *Livro do Desassossego*

Livro do Desassossego (recolha e transcrição dos textos de Maria Aliete Galhoz e Teresa Sobral Cunha, prefácio e organização de Jacinto do Prado Coelho), Lisboa, Ática, 1982, pp. 21-23

Notas

* A versão agora apresentada beneficiou do diálogo com a Professora Luísa Opitz, a quem agradeço.

¹ Será oportuno sublinhar que nem todos os textos ostentam de forma igualmente sensível essa mesma dimensão relacional. Embora não seja a ocasião para aprofundar este aspecto, faz sentido adiantar que uma análise susceptível de distin-

guir textos marcados e não-marcados (entenda-se: do ponto de vista da relação entre o sujeito e o seu objecto) facultará dados significativos em questões de estilo e, em particular, de género.

- ² Revejam-se, em particular, as páginas introdutórias do artigo "De la subjectivité dans le langage" (BENVENISTE 1966, p.258 e segs.).
- ³ A problemática das relações entre linguagem e pensamento – que reaparece como tópico dominante no quadro das ciências cognitivas – tem sido predominantemente discutida em termos ontogenéticos e filogenéticos. Serão de todo o interesse, entretanto, abordagens que, colocando aquela mesma problemática numa perspectiva textual, se confrontem com a mediação específica do escrito e do oral.
- ⁴ Sobre a distinção entre *conhecimentos* e *representações* veja-se, por exemplo, VIGNAUX 1991, p.223 e segs.
- ⁵ Falo de "sequência feliz" no sentido da correspondência a um modelo retórico, culturalmente aceite.

Referências

- BENVENISTE, E. (1966), *Problèmes de Linguistique Générale* 1, Paris, Gallimard
- (1974), *Problèmes de Linguistique Générale* 2, Paris, Gallimard
- BOREL, M.-J. (1989), "Textes et construction des objets de connaissance", in Cl. Reichler (dir.), *L'interprétation des textes*, Paris, Minuit, 115-156
- DAMASIO, A. (1995), *O erro de Descartes. Coração, razão e cérebro humano*, Lisboa, Publicações Europa-América
- FUCHS, C. (1982), *La Paraphrase*, Paris, PUF
- SANTOS, B. S. ([1987]1993⁶), *Um discurso sobre as ciências*, Porto, Edições Afrontamento
- VIGNAUX, G. (1991), *Les sciences cognitives. Une introduction*, Paris, Editions La Découverte
- YAGUELLO, M. (ed.) (1994), *Subjecthood and Subjectivity. The Status of the Subject in Linguistic Theory*, Paris, Ophrys